

RESENHA

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 40ª ed. – Campinas, SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2008, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5.

Mônica Pereira¹

O livro resenhado teve sua primeira edição publicada em 1983 e completou no ano de 2008, sua 40ª edição com mais de 200 mil exemplares vendidos. Devido a grande repercussão do livro, a editora Autores Associados lançou, também em 2008, a sua edição comemorativa que recebeu um novo tratamento gráfico, um formato maior e uma ampliação do conteúdo com mais duas novas matérias. Demerval Saviani é formado em Filosofia pela PUC-SP e doutor em Filosofia da Educação pela mesma universidade. Atualmente é professor emérito da Unicamp e coordenador geral do grupo de História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR). O autor possui várias obras consagradas na área de educação sendo um dos grandes nomes da educação brasileira.

A obra foi organizada a partir da decisão do autor de reunir alguns artigos com o objetivo de discutir a relação existente entre política e educação, sendo este o ponto em que se localiza a questão central do conteúdo do livro. O livro em questão possui como propósito auxiliar os profissionais da educação na compreensão das distintas teorias da educação.

No primeiro capítulo intitulado “As Teorias da Educação e o Problema da Marginalidade” o autor apresenta as teorias da educação denominando-as de “teorias não-críticas” e “teorias crítico-reprodutivistas”, sendo que cada uma apresenta uma forma de entender e analisar as relações entre sociedade e educação. A primeira teoria entende a educação como instrumento de superação da marginalidade e a segunda teoria compreende a educação como um fator de marginalização, ou seja, um instrumento de discriminação social.

Dentro das teorias não-críticas o autor inclui a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista. No século XIX o sistema nacional de ensino inspirou-se na idéia de que a educação é direito de todos e dever do Estado. Nesta pedagogia o professor é o centro do processo de aprendizagem e a escola surge com a função de difundir a instrução, transmitindo os conhecimentos historicamente acumulados, equacionando o problema da marginalidade e acabando com a ignorância.

As críticas à Pedagogia Tradicional cederam espaço a uma nova maneira de interpretar a educação a partir da Pedagogia Nova. Esta nova teoria centra o processo no aluno e o vê como um indivíduo único. No processo de aprendizagem o importante é “aprender a aprender”. Para Saviani esta teoria agravou ainda mais o problema da marginalidade na medida que aumentou a qualidade do ensino somente às elites.

O “escolanovismo” se mostrou ineficaz para a superação da marginalidade. A partir deste fato, articula-se uma nova teoria educacional por meio da Pedagogia Tecnicista. Nesta pedagogia o professor assume uma condição de técnico e o importante é “aprender a fazer”. O autor explana que esta pedagogia tornou o conteúdo do ensino ainda mais rarefeito e a ampliação do acesso escolar resultou em um novo problema educacional a partir dos elevados índices de evasão e repetência.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. mpmonica@ig.com.br.

Nas teorias crítico-reprodutivistas a marginalidade é entendida como um fenômeno próprio da estrutura social. A escola por sua vez reforça a dominação, legítima e mantém as estruturas. Dentro destas inserem-se a Teoria do Sistema de Ensino como Violência Simbólica em que a sociedade estrutura-se como um sistema de forças materiais entre diferentes grupos.

Uma outra teoria apresentada é a da Escola como Aparelho Ideológico do Estado. Segundo esta teoria a escola é instrumento de reprodução das relações de produção capitalista e atua a serviço do Estado e dos interesses da classe dominante. O fenômeno da marginalidade está posto na classe trabalhadora que é explorada pelos detentores do capital.

Dentre as teorias crítico-reprodutivistas é também apontada a Teoria da Escola Dualista, apresentando de um lado a burguesia e, de outro, os proletariados. Nesta teoria a escola contribui para a formação da força de trabalho e para propagar a ideologia burguesa, atuando em favor dos interesses deste grupo na luta ideológica contra os proletários, convertendo-os a uma condição marginalizada.

O item “Para uma Teoria Crítica da Educação”, explana que as teorias críticas não possuem uma proposta pedagógica e que pelo caráter reprodutivista da escola, ela não poderia ser diferente do que se apresenta. Sendo a escola um elemento de reprodução das relações dentro do sistema capitalista, a escola perpetua a dominação e a exploração.

Para Saviani a “Teoria da Educação Compensatória” não poderia ser esquecida quando se trata do problema da marginalização, mesmo que o autor não a considere como uma teoria, pois para ele esta é uma resposta não crítica às dificuldades educacionais o que evidencia que a interpretação da educação continua sendo a de salvadora dos problemas sociais.

O segundo capítulo “Escola e Democracia I – A Teoria da Curvatura da Vara”. A expressão “Teoria da Curvatura da Vara” foi enunciada por Lênin e serve de referência para Saviani. Neste capítulo é realizada uma abordagem política do funcionamento interno da escola de primeiro grau. São apresentadas três teses e um apêndice complementar.

A 1ª tese “filosófica –histórica” é a do caráter revolucionário da pedagogia da essência (pedagogia tradicional) e a do caráter reacionário da pedagogia da existência (pedagogia nova). A 2ª tese “Pedagógico metodológico” é a do caráter científico do método tradicional e do caráter pseudocientífico dos métodos novos. A terceira e última tese “Especificamente Política” é a de que quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos ela foi democrática. E no apêndice “teoria da curvatura da vara” o autor expõe que não é suficiente apontar para concepção correta: é preciso também que as certezas sejam abaladas.

Para explicar as teses o autor se reporta a história e a filosofia no item “O homem livre”. Saviani ilustra que na antigüidade grega a filosofia da essência não implicava em maiores problemas políticos já que a sociedade era dividida entre homens livres e escravos. Os escravos não eram considerados seres humanos e, portanto, a essência humana só existia nos homens livres.

Na Idade Média há articulação entre essência humana e criação divina, pois se passava a acreditar que os destinos eram previamente definidos; contudo a essência humana justifica as diferenças. Com a ruptura do modo de produção feudal e o avanço da burguesia ocorre uma nova mudança. A classe burguesa passa a advogar a filosofia da essência como um suporte em defesa da igualdade dos homens.

A burguesia, em meados do século XIX, estrutura os sistemas nacionais de ensino, defendendo uma educação para todos que atue na conversão dos servos em cidadãos, para que exista uma maior participação política consolidando a ordem democrática. Com a evolução da história os interesses da burguesia entram em contradição com a participação política das massas.

A partir das mudanças ocorridas a pedagogia da essência, dá lugar para a pedagogia da existência, que possui a concepção de que os homens não são iguais, mas devem desfrutar dos mesmos direitos. A burguesia passa a criticar a pedagogia da essência com a justificativa de que ela é medieval e não científica, o que Saviani discorda, pois o autor afirma que os métodos novos possuem um caráter pseudocientífico diferente do caráter científico do método tradicional.

A terceira tese é a conclusão das anteriores e expõe que a classe popular continuou a ser educada, basicamente, segundo o método da existência (o tradicional) e, portanto, a proclamação da democracia pela Escola Nova, não se concretizou. É nesse sentido que o autor considera que quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos ela foi democrática.

No Brasil o movimento da Escola Nova toma força na década de 1930, principalmente com o advento do Manifesto dos Pioneiros, em 1932. O autor cita as duas categorias elaboradas por Nagle (1974) em sua tese de livre docência que são: o “entusiasmo pedagógico” marcado até a década de 1920, cedendo espaço para o “otimismo pedagógico” característico do escolanovismo. Para Saviani o ideário escolanovista converteu-se em senso comum para os educadores e tornou-se a forma dominante de conceber a educação.

No terceiro capítulo “Escola e Democracia II – Para Além da Curvatura da Vara”, conclui-se que as duas pedagogias (essência e da existência) possuem a visão da escola como “redentora da humanidade”. O autor elucida a necessidade de ir além dessas pedagogias evidenciando a necessidade da valorização dos conteúdos que apontam para uma pedagogia revolucionária e para que a escola se insira no processo de construção de uma nova sociedade, a serviço da transformação das relações de produção.

O autor apresenta a tentativa de implantar a “Escola Nova Popular” através da “Pedagogia Freinet” na França e o “Movimento Paulo Freire de Educação”. Freire inicia uma pedagogia centrada no diálogo entre educando e educador e se empenha para colocar a concepção pedagógica a serviço dos interesses das classes populares, sendo o seu alvo inicial os adultos analfabetos.

Para Saviani, a escola ideal é aquela que possui uma pedagogia articulada com os interesses populares, preocupada com que tudo funcione da melhor maneira e que possua um método de ensino eficaz. Que estimule o aluno sem abrir mão da iniciativa do professor, construindo um diálogo entre professores e alunos sem perder o diálogo com a cultura acumulada historicamente.

A prática pedagógica deve contribuir para a democratização da sociedade. Para tanto, se faz necessária à identificação dos problemas postos pela sociedade e a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários para equacionar os problemas detectados na prática social.

No quarto e último capítulo “Onze Teses Sobre Educação e Política” são apresentadas a educação e a política, evidenciando a importância política da educação para que prática educativa não seja dissolvida. É ressaltada que política e educação são práticas distintas e uma depende da outra. As reflexões expostas no capítulo são ordenadas em forma de teses. Seleccionei, como forma de apresentação, apenas algumas das teses do autor. A 1ª tese é a de que: “educação e política são fenômenos inseparáveis”; A 2ª e a 3ª referem-se ao fato de que toda prática política contém uma dimensão educativa e vice-versa; na última tese o autor observa que a função política é cumprida quando realizada como prática pedagógica.

Concluo que o livro oferece uma reflexão crítica sobre política e democracia que se faz presente na educação e, mais especificamente, na escola, fazendo-nos repensar o nosso processo histórico. A obra proporciona, ainda, uma rica contribuição para o entendimento das

diferentes teorias pedagógicas, contribuindo para que os profissionais da educação repensem suas práticas e ações.